

Dia Mundial da Infância



Pela primeira vez, comemorou-se este ano no nosso país, e também em Espinho, o Dia da Infância. Da festa que foi apenas uma promessa daquilo que poderá ser, regista-se esta imagem, bem significativa

FIM DE SEMANA • 74

Será possível democratizar o país? Não vemos por que não seja. Será tarefa árdua, paciente, de luta — mas é.

Durante mais de quarenta anos o povo viveu numa total abulia política, até ao ponto de ter-se criado a mentalização de que a política é para os que estão no governo; eles que se avenham com as dificuldades. Se se dava conta de qualquer problema grave, o povo encolhia os ombros, alheava-se e tranquilizava a consciência com um «isso é com eles, eles resolvem».

Deformado por uma informação rígida e estanque, ignorava os problemas fundamentais do país; não se dava à curiosidade de averiguar como decorriam os meandros do dirigismo político; lia as páginas do desporto que os jornais enchiam, os horóscopos, as receitas de culinária, os casos do dia, umas notícias do estrangeiro, transcrições de entrevistas

dadas pelos dirigentes a jornais estrangeiros, comentários acerca de Portugal da imprensa reaccionária estrangeira, etc.

Só por volta de 1960 começa a formar-se um movimento de consciencialização política nas gerações universitárias e em pequenos sectores do proletariado: e embora esse movimento se tenha alargado a camadas da população ainda de poder falar numa consciencialização política do povo.

Tarefa a realizar através de anos e não de meses.

Tarefa que cabe a cada um de nós, esclarecendo, demonstrando a obrigação (e nem só direito) que todos temos de compartilhar na resolução dos problemas nacionais, que essa tarefa é de todos nós e não apenas dos governantes. Explicar o mecanismo da democracia, como a to-

(Continua na página 2)

DESPERTAR

A desmontagem da máquina que nos dominou durante quase meio século não se faz nem com insultos pessoais, nem com berros, nem com vivas, nem com palmas.

A despolitização do nosso povo e a sua alienação, foram tão prementes, tão hediondas, que, ao encarar as manifestações de rua, o pôr em bicos de pés de muita gente, ansiosa de ser vista e de marcar posição, ficou muitas vezes a pensar na facilidade com que se encaminharam as massas inconscientes e na sofreguidão com que os democratas de 26 de Abril procuram um buraco por onde possam introduzir-se, de modo a aparentar a entrada nas hostes do povo verdadeiro, daquele povo que não se deixou alienar, que teve que viver, receoso sempre da tarde ou da noite do próprio dia e do amanhã.

Os responsáveis conscientes não têm dúvidas quanto à verdade destas afirmações e à facilidade com que se manipulam certas camadas populacionais. E bom é que as não tenham e se convençam de que só um esclarecimento consciente fria-

mente encarado e encaminhado, pode restituir ao povo português a dignidade e a consciência que criminosamente lhe foi roubada.

Para se dizer não aos reaccionários, ao capitalismo dominador e ainda convencido de que os seus «bons velhos tempos» podem regressar, indispensável se torna não os perder de vista, tratá-los com dignidade mas com independência, sem subserviências e sem descuidos que lhes permitam aproveitar ocasiões, e procurando sempre informar com exactidão (sem as mentiras que até 25 de Abril nos impuseram) e ensinar os portugueses de boa vontade a conviver em democracia pluri-partidária.

A situação geográfica do nosso País, o estado económico em que nos deixaram e a natureza própria do nosso povo não se conciliam com a submissão a extremismos, venham eles da direita ou da esquerda. Só em liberdade podemos construir o nosso futuro, com a certeza de que nenhum homem é ou pode ser intel-

(Continua na pág. 2)

ECOS DO NOSSO TEMPO

Melhor que a Lua

Todos viram: de pé, a Assembleia Geral das Nações Unidas aplaudiu o Presidente da República Portuguesa. Todos viram: de tarde, houve uma transmissão directa de Nova Iorque; à noite, a mesma reportagem em diferido. E era mesmo verdade. Eram verdade os aplausos, a sala majestosa. Eram verdade as palavras de Costa Gomes.

Era o impossível a acontecer.

O ano passado, por esta altura, também havia discursos portugueses na O. N. U. E no ano anterior, e no outro. Mas eram discursos que nos cobriam de vergonha. Eram discursos que lançavam sobre nós todos o desprezo e o sarcasmo do mundo inteiro. Eram a reafirmação anual do crime e da vergonha. E, contudo, sobre os que não os aprovavam era lançada a calúnia torpe de antipatriotismo.

Como se patriotismo fosse a cumplicidade no crime.

Como se patriotismo fosse o proveito de alguns pelo preço da vida de muitos.

Como se patriotismo fosse a permanente humilhação perante o mundo.

Ontem, a TV trouxe-nos a Assembleia Geral da O. N. U. a aplaudir, longamente e de pé, o nosso Presidente da República. Um Presidente que não é um homem inábil e bisonho, envergonhado sabe-se lá porquê, mas um homem de palavras civilizadas, inteligentes e dignas. Homem que veio de longe, do Nordeste português, mas que não foi a Nova Iorque dar ao mundo a imagem de um sujeito provinciano. Homem de quem podemos orgulharmo-nos.

Todos se lembram, decerto, de um outro milagre que a Televisão nos trouxe há alguns anos. Era a realização de um sonho antigo: os pés de um homem a pisarem a Lua. Também aí nos percorreu o estremecimento de emoção que acompanha a certeza de que se assiste a um momento raro. De que, ao longo da vida, vamos poder repetir: eu vi. Pois foi esse mesmo sentimento que ontem me visitou. Eu vi. Os meus filhos viram. Em Outubro de 74, em Nova Iorque. O mundo, de pé, a aplaudir Portugal.

Por mim, porém, preferi Costa Gomes ao astronauta americano. Porque a sombra da guerra do Vietname ainda se projectava sobre a poeira pardacenta da Lua quando aquele primeiro homem a pisou. Porque foi o reflexo da paz que o Presidente Costa Gomes levou ao palácio da O. N. U. Mas também, decerto, porque nasci em Portugal. Porque durante anos me envergonhei de não poder devolver ao meu País toda a inteira dignidade que o seu povo merecia.

Porque, afinal, ser antifascista não era ser antiportuguês, bem pelo contrário.

E também porque a liberdade e a paz eram a nossa Lua, aparentemente inalcançável. E, agora, reais. E, agora, confirmadas e reconhecidas pelas delegações do mundo inteiro que aplaudiram Costa Gomes.

De pé.

CORREIA DA FONSECA
(in «República»)

CONTINUA NA PÁGINA CINCO

RASCUNHOS

Vem aí o Benfica. Amanhã está cá o Benfica. Desde o princípio da semana que não há bilhetes. Respira-se Benfica. Fala-se Benfica. Come-se Benfica. Dorme-se Benfica. Muitos fulaninhos debatem-se em hamlélicas dúvidas quanto à posição a assumir amanhã no Campo da Avenida: Ser ou não ser Benfica, eis a questão. Porque eles são de Espinho e também são do Espinho, mas o seu Benfica bate-lhe fortemente no peito. Palmas só ao Benfica? Palmas só ao Espinho? Ou palmas neutras para um e outro lado?

Pois é. Vem aí o Benfica para um jogo que pode ser o maior do futebol espinhense até à data. Meia cidade masculina não pensa em mais nada. Que interessa que o bacalhau escasseie, seja caro e mau? Vem aí o Eusébio. Que importa que as rendas de casas sejam mais altas que os prédios? Vem aí o Jordão. Que adianta o próximo recenseamento eleitoral? Vem aí o Simões. Que transcendência tem a poluição? Vem aí as águias vermelhas.

O problema da defesa da praia de Espinho é ridículo frente aos problemas que a defesa do Espinho vai ter perante a avançada encarnada. A instalação de acessos rodoviários decentes a Espinho é questão mesquinha face ao como instalar a bola dentro das redes benfiquistas. As dificuldades financeiras do Município local são coisa insignificante face à necessidade de colocar um um na primeira linha do tobolola desta semana.

Amanhã é preciso que todos os espinhenses estejam coesos, unidos, inseparáveis para que o Espinho matenha a sua invencibilidade caseira. Que pena já não existir o Orfeão para que o coro fosse uníssono: Espinho, Espinho, Espinho!

Aqui fica o meu contributo para o apetecido êxito do Espinho. Porque eu não vou ao futebol amanhã.

C. P. M.

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO

ANTONIO GAIO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

DESPERTAR

(Continuação da pág. 1)

ramente livre, para participar nos interesses sociais, enquanto se mantiver escravizado pela situação económica de dependência em que viva.

Precisamos de esclarecer o povo, de o tornar mais consciente, mais senhor do significado da sua opinião, mais ciente de que o seu voto vale tanto como o do seu patrão, o do seu senhorio, o do seu médico, o do seu advogado, o do seu protector e do seu amigo, e, mais do que isso, de que não deve haver amigos nem protectores, nem patrões, nem senhorios, nem médicos, nem advogados nem padres, capazes de lhes solicitar, e muito menos impor a definição da sua atitude neste ou naquele sentido.

Este trabalho de consciencialização que nos falta, pois nenhum esforço temos visto, desde o 25 de Abril, no sentido de informar cívica e politicamente as consciências menos esclarecidas.

Pelo contrário, e com mágoa, o que aos nossos olhos se apresenta é o desejo de arrebatar gente, à maneira americana, com manifestações de propaganda em que tudo se promete, sem esclarecer e em que se apregoam sessões de esclarecimento e comícios como se se tratasse de espectáculos recreativos, sem faltarem, sequer, carros pelas ruas, com alti-falantes, música e os anúncios das manifestações.

E eu que sempre entendi e sustentei ser primordial preparar o povo para a democratização, sem a qual são impossíveis as opções conscientes, pergunto muitas vezes a mim próprio: porque se não organizam sessões de esclarecimento simplesmente anunciadas, nas quais intervenham para esclarecer todas as verdadeiras correntes democráticas?

Será que ainda ninguém se apercebeu de que são tantas as pessoas e as correntes a falar de democracia, que o povo, tendo ainda nos ouvidos a palavra «democracia orgânica» invocada por Salazar, e ouvido tantos pregões com a invocação da mesma palavra, fica sem saber o que ela significa na verdade?

Não tem o povo sede de conhecer como lhe surge a palavra de tantos lados?

Não deve ele começar por ser esclarecido no sentido de que o essencial do destino do nosso povo é ter-se um verdadeiro espírito democrático?

Eu vivi sempre convencido de que sim.

Sem a consciencialização do povo e sem o interesse daí resultante, não haverá bases capazes de sustentar o futuro que todos desejamos e o interesse do Povo português exige.

AMADEU MORAIS

FIM DE SEMANA · 74

(Continuação da pág. 1)

dos os níveis da administração se processa a sua institucionalização, como a todos os níveis se desenrola o processo integrando-se num conjunto harmónico.

Evidente é que para as populações medievais de Trás-os-Montes de certas regiões beiroas e minhotas, onde o esclarecimento e a civilização foram sempre impedidos de penetrar, que vivem dominadas pela «verdade» única dos senhores da terra, colonizada por eles, apoiados nos párocos, é tarefa difícil, pois começa por um processo de descolonização que encontra a oposição frontal dos colonizadores que se julgam prejudicados nos seus interesses.

Antes que tudo temos que integrarmos na ideia de que, assentando as instituições democráticas na liberdade, o conceito de liberdade é um conceito sócio-político; isto é, liberdade é o reconhecimento do direito de todos contribuímos pelo voto para a institucionalização do poder e a garantia de que o livre exercício desse direito será respeitado; é o reconhecimento de cada um tomar a opção política que entender satisfazê-lo e a obrigação de respeitar as opções dos outros; é a garantia de salvaguarda dos direitos fundamentais do indivíduo — como a livre expressão de pensamento por qualquer forma de comunicação, o direito à vida e integridade pessoal, de associação, reunião, etc.

Liberdade não é libertinagem. Liberdade pressupõe disciplina, espírito cívico, e, por paradoxal que pareça, uma autoridade do Estado que garanta o exercício da liberdade; o contrário é que seria a anarquia.

Daqui é que partiremos para a democracia — o poder político no povo, que escolherá como quer e por quem quer ser dirigido, — o por quem é a materialização do como quer; melhor dizendo, tomada por cada um de nós uma opção política, escolherá cada um os homens que julga capazes de governarem dentro dela, realizando os fins ideais e programáticos dessa opção.

É necessário, pois, esclarecimento das massas sobre o mecanismo da democracia e das ideologias políticas que se desenvolvem e oferecem; evidente é que para um povo não habituado a raciocinar politicamente, imbuído do princípio salazarista «a minha política é o trabalho», torna-se penosa a tarefa de o fazer compreender que o «trabalho» é uma obrigação, mas a «política» é outra ainda que em plano diferente.

Por isso mesmo, todos os mais esclarecidos temos a obrigação de na vida quotidiana, a cada passo, procurarmos explicar estes princípios aos que encon-

tramos no convívio casual indiferentes à coisa política ou com espíritos deformados numa suposta opinião de politização errada.

Não pode tolerar-se o dogmatismo de opinião, nem a intolerância; tem de demonstrar-se a necessidade do diálogo como via do esclarecimento. Dos anos de ditadura e apolitismo ficou-nos a deformação de todos se julgarem senhores da única verdade; e fácil é, nos meios rurais, o «grande» da terra impor uma opinião que os boçais aceitam sem discernimento.

Se algum nos diz «isto é assim», não podemos contrariá-lo com um «isto não é assim»; dessa forma não se politiza ninguém; temos de ir ao diálogo, calmamente, demonstrando-lhe que «pode não ser assim», e obrigar o interlocutor a raciocinar para que se consciencialize da posição que sustenta apoiada no único argumento de que «isto é assim, não vale a pena pensar sobre o caso, não vale a pena produzir argumentos para demonstrar que é assim: é assim porque para mim não pode ser de outra maneira e quero que seja assim.»

É preciso grande dispêndio de forças, tempo, paciência, prejuízo das nossas vidas profissionais, dos nossos desejos, mas não podemos recusar nunca uma oportunidade de esclarecer; tarefa que não será de apostolado mas que é um dever do homem para com o homem.

Note-se que muitas vezes essa ignorância política vem de pessoas cultas, que são desviadas por sectarismos visceralmente imbuídos neles ou cegos por interesses pessoais; não vem só de povo analfabeto (sem culpa de o ser) — mas em matéria política são tão analfabetos como o povo transmontano.

Não esqueço um advogado que acusava o Governo Provisório de traír o programa do M. F. A. ao tomar certa medida e legislar sobre certa matéria, demonstrando-lhe que essa matéria constava com todas as letras do programa, resolveu o assunto com a resposta de que, «se lá está, não devia estar». Não desistindo do diálogo foi possível calmamente convencê-lo e levá-lo a reconhecer que não havia os desvios que pretendia; mas perdeu-se uma hora de trabalho que teve de ser compensada à noite com prejuízo do necessário repouso...

Instituir a democracia em Portugal é possível; o necessário é que os que acreditam nela dêem o melhor do seu labor na tarefa — na certeza de que a democracia é uma realidade que está na nossa mão alcançar.

13-10-1974.

VASCO LUIS

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



Vendem-se

Terrenos frente à estrada de Silvalde. Trata D. Rosa — Rua da Firmeza n.º 152 — PORTO

Aluga-se

ESTABELECIMENTO PARA
COMÉRCIO NA RUA 24 N.º 1001
E 1011. TELEFONE N.º 921418

VENDE-SE

Prédio com quintal, com rua na frente e trazeiras, no cimo da rua 19 — a 150 metros do Liceu de Espinho

Trata o telef. 967722

Vende-se em Espinho

Terreno e prédio no ângulo das Ruas 35 e 14, n.º 1144
Prédio no ângulo das Ruas 10 e 33, n.º 203
Prédio na Rua 19, n.º 408 a 412, com frente para a Rua 21
3 talhões para construção na zona do ângulo das Ruas 33 e 12
Informa: P. F. — Joaquim J. M. Ribeiro, das 10 às 12,30
e das 15 às 18 horas, na Rua 19, n.º 192 - 1.º - Sala C

- ▶ ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES
- ▶ ESPECIALIDADES EM MOBÍLIAS DE ESTILO SÉC. XVII

✕

JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667 — Tel. 921325 — Espinho

Técnico de contas

Executa, organiza e mecaniza escritas do Grupo A ou B com a colaboração de economista

Carta à administração ao n.º 63

Colabore
para uma cidade limpa

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

AUTOMOBILISMO SUBTERRÂNEO

Na passada sexta-feira iniciou-se em Espinho a prática de uma nova modalidade desportiva. Trata-se de uma variante das actividades motorizadas a que, no desconhecimento da designação que oficialmente lhe é dada pela Federação Mundial dos Desportos Mecânicos, damos o nome provisório de automobilismo subterrâneo. O pioneiro recolheu-se modestamente ao anonimato mas espera-se poder identificá-lo com bastante brevidade para oferecer a sua forte personalidade ao conhecimento de todos os fans dos escapes. Sabe-se, para já, que conduzia um automóvel de fabrico alemão. E fez pista de exibição a subterrânea passa-

gem sob a linha da CP na rua 19, cujo projectista estava muito longe de lhe dar outra aplicação que não fosse o trânsito de peões. Um empregado dos sanitários ali instalados quis deter o condutor para poder identificá-lo e, mercê do seu zelo, acabou por receber algumas escoreiações. O único elemento positivo que se conseguiu foi a anotação da chapa de matrícula do bólido. De posse dele, imediatamente se procedeu às diligências conducentes a localizar o ilustre desportista. Oxalá isso não demore porque ele bem merece o reconhecimento público que a sua proeza amplamente justifica.

GOVERNO CIVIL DO DISTRITO DE AVEIRO

Edital

COMISSÃO DE SANEAMENTO E RECLASSIFICAÇÃO DO MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

Tendo em vista promover a dinamização do processo de saneamento da Função Pública previsto no Decreto-Lei n.º 277/74, de 25 de Junho, prestam-se os seguintes esclarecimentos:

1. — A Comissão de Saneamento e Reclassificação do Ministério da Administração Interna reitera o seu pedido para que todas as pessoas colaborem no processo de saneamento e reclassificação, apresentando queixas ou participações de factos relativos a funcionários ou agentes pertencentes a quaisquer entidades de direito público que de algum modo dependam do Ministério da Administração Interna.

2. — O prazo para apresentação das referidas queixas ou participações termina no próximo dia 15 de Novembro, de acordo com resolução recentemente tomada pelo Conselho de Ministros, a publicar em breve no Diário do Governo.

3. — As queixas ou participações a apresentar não carecem de ser necessariamente acompanhadas de provas, mas, nos termos do Decreto n.º 366/74, de 19 de Agosto, apenas da indicação de meios de prova, cabendo às comissões ministeriais promover depois a respectiva instrução e competente recolha de elementos.

Por outro lado, nada obsta a que ulteriormente venham a ser oferecidas novas provas.

4. — É assegurada a confidencialidade relativamente às queixas e participações.

5. — Da entrega pessoal das queixas ou participações poderá ser sempre exigido recibo.

6. — Considera-se de maior interesse toda a colaboração que possa ser prestada por parte das comissões de trabalhadores constituídas ou que se constituam no âmbito dos serviços.

7. — Recomenda-se que as queixas e participações de factos sejam apresentadas por escrito e assinadas, devendo ser enviadas para a Comissão de Saneamento e Reclassificação do Ministério da Administração Interna, Praça do Comércio, Lisboa — 2.

Aveiro, 10 de Outubro de 1974.

O Secretário do Governo Civil

Artur Manuel da Graça e Cunha

DO HOSPITAL

Movimento de 15 a 22-10-74

| | |
|----------------------|-----|
| Internamentos gerais | 69 |
| Exames Radiográficos | 135 |
| Crianças Nascidas | 26 |

Intervenções Cirúrgicas

| | |
|----------------|----|
| Urologia | 2 |
| Obstetrícia | 2 |
| Ortopedia | 1 |
| Oftalmologia | 1 |
| Otorrino | 14 |
| Cirurgia Geral | 13 |

Serviço de Urgência

| | |
|----------|-----|
| Homens | 199 |
| Mulheres | 176 |

Internados entre outros

Maria Adelaide da Silva Oliveira, de Cortegaça, para Obstetrícia;
Ana Maria Torres, de Anta, para Obstetrícia;
Rosa Barros Presa, de Nogueira Regedoura, para Oftalmologia;
Maria Lourdes Sá Carvalho Sousa Cardoso, de Espinho, para Obstetrícia.

NOTÍCIAS PESSOAIS

D. Maria Crizantina Gomes da Silva e Elísio Alves de Sousa, que estão a residir com seus filhos em França, celebraram no próximo dia 29 o 25.º aniversário do seu casamento.

CENTRO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE ESPINHO CONVOCATÓRIA

Ao abrigo da alínea c) do art. 10.º do Capítulo III dos Estatutos, convoco os sócios desta Instituição para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar pelas 10 horas do dia 27 do corrente mês, na sala de sessões da Câmara Municipal de Espinho, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Discutir a aplicação do legado da Exma. Senhora D. Lucinda de Andrade Ferreira Pinto Basto.

Espinho, 16 de Outubro de 1974.

O Presidente da Assembleia Geral
Sérgio Gonçalves

Amadeu Morais

ADVOGADO

Transferiu a residência e o escritório em Espinho para a Rua 20, n.º 412.

Telefones:

Escritório — 920273
Residência — 922424

FOGO E MORTE

Um barraco impróprio para um ser humano. Perto da Escola Industrial, na rua 30. Habitado por Maria Lopes. Que tinha 68 anos e era viúva. Para completar a sua má sorte, era doente mental. De noite iluminava-se com uma vela. Vela que poderá ter-lhe causado a morte. O barraco pegou fogo. Acorreram os bombeiros. A tempo de evitar a propagação do incêndio às restantes «instalações» contíguas. No princípio da manhã de 16, Maria Lopes ficou carbonizada na sua cama.

JURAMENTO DE BANDEIRA NO G. A. C. A. 3

Na passada quarta-feira, no seu aquartelamento de Paramos, esteve em festa o G. A. C. A. 3. O motivo foi o juramento de bandeira dos soldados recrutados da 3.ª incorporação do ano corrente. O programa elaborado constou de alvorada festiva, hastear da bandeira, formatura geral, leitura dos deveres militares, alocução alusiva ao acto por um oficial da Unidade, juramento de bandeira e desfile do efectivo militar do aquartelamento.

ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

Cursos de Francês e Português

Reabriram já as aulas e os estabelecimentos de ensino vão recuperando o ar buliçoso normal que o período de férias lhe roubou. A partir da próxima quinta-feira, na Academia de Música renova-se o ensino da língua francesa e as aulas do 1.º e 2.º anos de Português. As inscrições para estes cursos continuam abertas até quarta-feira, 30.

Certificados Britânicos

Os cursos de língua inglesa ministrados pelo Instituto Britânico do Porto distinguem os alunos que são aprovados no exame do seu 5.º ano com um certificado titulado *Lower Cambridge Certificate in English*. No último ano lectivo oito alunos que na Academia de Música de Espinho frequentaram aquele curso obtiveram aquele diploma: D. Maria Helena Couto Alegria Lima, D. Balbina Maria Guia Casal Ribeiro, Maria Manuela Rodrigues Seoane, Maria Manuela Batista Freitas, Maria São Luís Fonseca e Castro, Rui Luís Sousa Vingada, José Artur Serrano e Francisco Carlos Bismark.

Passa-se

LOJA PARA QUALQUER RAMO
DE NEGÓCIO. BEM SITUADA
Rua 16 n.º 775 — Telef. 920179
ESPINHO

Vende-se

PRINCESS (AUSTIN 1,300)
Óptimo estado — 45 000 Kms.
Vende particular — Telef. 922272

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje, sábado, 26 — FARMÁCIA PALVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.
Amanhã, domingo, 27 — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320.
Segunda-feira, 28 — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092.
Terça-feira, 29 — FARMÁCIA TELXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.
Quarta-feira, 30 — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331.
Quinta-feira, 31 — FARMÁCIA PALVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.
Sexta-feira, 1 — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 26 — OS 2 GLADIADORES, com Richard Harrison e Moira Orfel — 14 anos.
Amanhã, domingo, 27 — AQUELE INVERNO EM VENEZA com Julie Christie e Donald Sutherland — 18 anos.
Terça-feira, 29 — O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA, com Fernando Rey e Stéphane Audran — 18 anos.
Quinta-feira, 31 — OS INCORRUP-TIVEIS CONTRA O DROGA, com Gene Hackman e Fernando Rey — 18 anos.
Sexta-feira, 1 — PUNHOS DE VINGANÇA, com Kug Bun e Tong Chi — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 26 — DA-LHE AGORA, com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia — 13 anos.
Amanhã, domingo, 27 — DA-LHE AGORA — 13 anos.
Segunda-feira, 28 — ANTONIO DAS MORTES, com Maurício do Valle e Ode-te Lara — 18 anos.
Terça-feira, 29 — UMA MISTURA DE AMOR, com Marisa Mell e Stephen — 18 anos.
Quarta-feira, 30 — RECUSA, com Jeanne Moureau e Jean Paul Belmonde — 18 anos.
Quinta-feira, 31 — O COURAÇADO POTEMKINE, com A. Antonov e V. Barky — 14 anos.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO:

Ruben Manuel, filho de José Maria Dias de Sá e D. Maria Amélia Alves Magalhães Sá;
Pedro Nuno, filho de Arlindo Marques de Azevedo e de D. Belmira Alves da Silva;
Ana Márcia, filha de Joaquim Fernandes Cardoso e de D. Maria de Lurdes de Sá Carvalho e Sousa Cardoso.

CASAMENTOS

EM STA. MARIA DE LAMAS:

Armando Alberto Moreira de Oliveira Cadete com D. Fernanda dos Santos Dias.

FALECIMENTOS

EM ESPINHO:

D. Deolinda Pereira Santos, de 77 anos, casada com Aldo Martins dos Santos;

EM ANTA:

António de Oliveira Marques, de 70 anos, casado com Fernanda Alves Moreira;

EM SILVALDE:

Felismina Alves Pereira, de 84 anos, viúva de Albertino Marques Peralta;

EM GUETIM:

Manuel Oliveira dos Santos, de 73 anos, viúvo de Maria Nogueira da Rocha.

**A DEFESA precisa
de mais assinantes**

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

MUSICA DE BAILE

PELOS CONJUNTOS: — THE DROPS
(Quinteto italiano)
— JOSÉ QUELHAS
— PROMOTION MUSICAL 6

VARIEDADES

— IRENE BEL SHOW (Ballet Inglês)
— PEPE MARTINEZ (Trompeta de ouro)
— THE ROUSSMARS (Equilibristas ingleses)
— MATILDE (Cançonetista Portuguesa)
— MARY PIALY (Bailarina acrobata)

RESTAURANTE

Jantares concerto — Esmerado Serviço

SALÃO RESTAURANTE * SLOT-MACHINES

CINE-TEATRO • Sessões todos os dias

TARDE INFANTIL

No Salão de Festas — Sábado, 26 de Outubro, 16,30

Aqui Caracas! SALVO O DEVIDO RESPEITO...

Aqui, nas colunas deste jornal, o «no-vo» baptismo das principais ruas e avenidas da nossa cidade tem dado pretexto aos mais díspares comentários e à revelação de opiniões divergentes. Salvo o devido respeito, também nos será permitida a intromissão, não com o fito de desvirtuar opiniões mais autorizadas — às vezes os mestres falham estrondosamente... — mas única e simplesmente movidos pelo mais salutar baírrismo, faceta que orgulhosamente possuímos e nos instiga a batalhar em prol da nossa tão amada e generosa terra. Todos sabemos que Espinho, desde sempre, foi uma terra fraterna, amiga, franca e cosmopolita. Essa enorme virtude — se assim a podemos classificar — pode residir, em forma substancial, no fino trato da sua gente, nas facilidades de acesso, na geometria das suas ruas e avenidas, no calor e no brilho da sua praia, no conforto da sua piscina, na pujança do seu mercado semanal, no ar familiar e cordial que aí se respira, enfim no enquadramento de um rosário de privilégios. A verdade, amigos, é que Espinho reúne mil e uma condições para atrair e para chamar e aquele que visita a nossa terra pela primeira vez, retira-se dela apaixonado. Espinho constitui, insofismavelmente, um oásis por excelência e essa condição de beleza — com vaidade o asseveramos — justifica plenamente o nosso orgulho de ser oriundo de tão linda terra. O reflexo desta nossa crónica incide, obviamente, nas discrepantes opiniões de render tributo à memória desta ou daquela individualidade, que se notabilizou noutros tempos na defesa intrínseca duma causa, dos seus ideais ou na difusão e prática de actos da mais elementar filantropia. Mas a notoriedade dessas figuras — todas nos merecem o mais profundo respeito e admiração — deve ser religiosamente analisada, com apuro e dignidade.

A actualização do nome das ruas e avenidas da nossa cidade, não pode — nem deve — ser deliberada em forma imprecisa ou injusta de modo a subtrair méritos confirmados, dando curso a injustiças menos aceitáveis. O veredicto exige um

imparcial exame de consciência e de meditação. Por isso, previamente, urge investigar detidamente o porquê do render-se homenagem a cada quem, ao ser-lhe conferido o nome de uma artéria local. É inequívoco que a morte e o crime monstruoso ceifaram grandes inteligências e enormes corações, úteis à Pátria e à comunidade, valores esses que hoje são recordados com a mais esclarecida das convicções, mas não é menos importante recordar que Espinho e os Espinhenses devem extraordinariamente àqueles que pugnam e defenderam os seus lídimos interesses, que lutaram em defesa de uma causa justa e nobre, enfrentando contrariedade e destruindo influências. E essa dívida de gratidão, contraída por nós há muitos anos, só foi parcialmente saldada. É, pois, com a mais elementar das convicções que abordamos o caso, pondo de relevo a incidência de determinações erróneas para com a respeitosa memória dos obreiros de Espinho.

É certo, é coerente, é compreensível que então existiram valores que se salientaram mais do que outros, mas no cômputo geral todos defenderam e pugnaram pela mesma causa, a causa de todos nós. Não perfilhamos a condução de polémicas suscitadas pela luz da injustiça ou da ingratidão. Não somos partidário de que a uma artéria de Espinho se lhe atribua o nome de alguém que não sendo de Espinho, se pretende — ou quiçá pretendia — «dar-lhe» essa distinção. Curvemo-nos sobre a realidade do passado, outorgando-se a César o que é de César...

Não pretendemos mencionar nomes — longe de nós tal pensamento — nem salientar exemplos, mas tão e somente vincar uma opinião pessoal, opinião essa que pode ou não ser acolhida com o beneplácito de todos, mas sim exprimir aqui o que sobre o assunto também pensamos. Pode, necessariamente, o nosso prisma ser interpretado por ângulos absolutamente antagónicos. No entanto, para além da forma interpretativa que cada um dos nossos leitores lhe possa dar, paira em nós o desejo realista de evocar memórias e a ingente necessidade de se render homenagem pu-

UM OLHAR SOBRE ANTIGOS ACONTECIMENTOS O SABOR DUMA TÍPICA «RICACHIA»!

Naquele tempo, em que eram fartas as épocas das pescarias, o meo piscatório acusava contentamento e tanto os pescadores como os patrões disso compartilhavam. Daí, estes não proibirem, até gostavam, a realização da tradicional «Ricachia», modalidade desportiva que tanto os apaixonava! Os lanços de tarde foram sempre os preferidos para tais folias, uma vez que o mar estivesse de feição, mais próprio portanto, o que não se tornava difícil no pino do verão. O mar tornava-se então em campo desportivo, respelhando reflexos pulidos, sem ondas, integrando-se no cenário já de si maravilhoso! Ora quando o desafio tinha sido aceite — o que era feito por meio de sinais já convencionados — os barcos colocavam-se, como costume, distanciados uns cem metros.

Convém esclarecer que, o aceitar ou não, dependia de diversos factores, como sejam: barco mais leve ou mais novo, tripulação mais valente, lanço a fazer mais longe ou mais perto, com menos ou mais peso de rolos de corda, etc., enfim todos esses cuidados que, em boa verdade, poderiam intervir na vitória ou derrota!

Posto isto, vamos, pois, descrever a famosa «Ricachia» como algumas vezes a vivemos num dos barcos, e naquela idade em que se fixam mais profundamente em inesquecíveis recordações merecê do entusiasmo transmitido pelos acontecimentos que mais nos aliciavam! Pena temos porém de não saber dar-lhe o merecido brilho de discricção, contudo vamos ver o que sai.

Ao sinal da partida uma onda de entusiasmo corria de lés a lés e apossava-se das tripulações dos dois barcos que rapidamente se movimentam, apesar de muitas toneladas de peso! Os pesados remos, puxados por dezenas de homens — tal como poderosas lâminas-fendiam vigorosamente a água à procura duma velocidade que lhe desse o triunfo! Os arrais no lugar do comando (o que se passa é igual nos dois barcos) gritavam e incitavam os braços, pedindo mais e mais o aceleramento da remada. Os cágados (1) dos grandes remos giravam nos exclamões (2) numa volúpia musicada, batendo como gigantesca batuta a marcar o ritmo dos remos!

E era ver estes trabalhadores do mar, vibrantes de esforços como titanas, alheios a outro qualquer objectivo, reter os músculos num esforço impressionante para aumentar a velocidade até ao humanamente impossível!!! Contudo os dois contendores briosos e valentes, por largo tempo não cedem o mínimo atraso e por isso a «Ricachia» começou a atingir uma fase plena de beleza, gerando a emoção própria das grandes competições.

Para mais, esta aliciante disputa, que tem como cenário a imensidade do mar e, por vezes, horizontes deslumbrantes, não é incitada por multidões, daí o seu real valor, embora em terra muitos corações se inquietam pelo resultado!

Ora o andamento imprimido aos barcos não podia manter-se de igual para e por isso dado esta impossibilidade, a «Companha Velha» começou a ganhar dianteira, circunstância que deu motivo a um valoroso arranco do seu competidor a «Companha Nova» pelo que se colocou novamente a par! Mau grado porém, durou pouco o seu magnífico esforço, porque a antagonista em remada sempre potente mantinha endiabrado andamento e por isso voltou novamente a tomar a dianteira, a que foi respondido novo esforço num desesperado arranco, mas já de resultado um tanto inútil! Então o Arrais

da «Companha Velha» apercebendo-se da fraqueza do seu adversário, gritou a ple-nos pulmões: — Força Maldão (3) força cambões (4) oh «Caneiro» (5) passa-lhe pela proa...

E esta pois, a frase decisiva, inegavelmente empolgante, tornando-se no momento inolvidável da tradicional «Ricachia» tão rica de variantes adoráveis que não se torna fácil presenciar!

E ao supremo apelo do Arrais e como o triunfo já à vista respondem os remadores, quase transfigurados, de ombros nus nimbados de sol, acelerando movimentos unificados, fazendo e desfazendo inflações, semelhantes a autómatos impulsivados por mecanismo poderoso! E deste modo, a Companha já quase vencedora vai-se aproximando enviesadamente para a seguir passar pela proa do seu valente contendor, fase formal que indica o triunfo, pelo que se ouviu um grito uníssono transbordante de alegria!!!

E ao ver estes homens com justa admiração, banhados em suor, velas salientes, bocas ressequidas, não pudemos deixar de sentir e gravar para sempre no coração esta querida imagem, pois faziam dela elemento integrante das suas suas perigosas andanças!

A Companha vencedora, já com a bandeira içada, começou a dar voltas sobre si mesma numa alegria indiscreta, vel a rasar a infantilidade! As outras companhas, que tinham aligeirado o andamento para presenciar o espectáculo partiram a caminho do largadouro, comentando, por certo o acontecimento!

E praxe nestas pugnas — pois têm o seu lado cavalheresco — oferecer a desforra, mas o vencido não a aceita, ficaria para outra vez, mais marés viriam!

Estas disputas que foram sempre bastante emotivas, em boa verdade deixaram leves despeitos entre os pescadores e até, por vezes os resultados feriam os seus brios, mas a par disso também havia ausência de qualquer rancor. Hoje venciam uns, amanhã outros!... O rumo agora era o largadouro e foi justamente isso que as duas embarcações fizeram em remada lenta e repousante, em refrigério como é óbvio bem merecido. Ao arribar, a Companha vencedora cantava a tradicional e dolente canção: — Ai... olé... lé... lé... ai... olé... lari... ló... lé...

Uma vez a Companha em terra, a alegria era ruidosa e o barco embandeirava-se em arco, mas apenas por um dia. Os patrões mandavam distribuir, à noite, um beberete o que mais contribuía para a animação que sempre havia na Venda, onde os camaradas se reuniam para comentar com sabor típico as diversas fases da «Ricachia»!

Almas simples que, a par das amarguras das árduas lides, também sentiam as suas alegrias, vivendo os contrastes do seu mundo em que o mar era o seu campo de acção, que tanto amavam, proporcionando-lhes horas boas e más, sem ambições de melhor destino!

(1) — Bloco de madeira do remo, com um buraco que entrava no exclamão.

(2) — Ferros presos nos bordos do barco, onde girava o cágado.

(3) — Remo do comando do barco.

(4) — Corda tipo polvo, presa ao remo como reforço.

(5) — Homem forte que rema em pé na ponta do remo e o dirige.

J. TATO

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem

oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

que se considerem dignos da homenagem. Assim, não teremos descontentes mas poder-se-ão detectar injustiças...

Ernesto Couto

ECOS DO NOSSO TEMPO

(Continuação da página 1)

Banir más heranças

Os mentores do fascismo eram peritos em transformar palavras em slogans. Nas suas bocas, a palavra **Pátria** transformou-se num grito de guerra, a palavra «raça» numa afirmação de ódio e a palavra «história» num slogan repugnante destinado a convencer os portugueses de que estavam obrigados, pelo seu passado, a destruir o seu presente.

Um vasto sector populacional do País, afectado por esta propaganda constante, criou um mundo conceptual perfeitamente mitológico, convenceu-se de que a nossa história é «superior» às dos outros países, que as nossas instituições são «perfeitas» e que nós, os portugueses, viemos ao mundo com a missão divina de civilizar a África e de abrir caminho aos outros povos.

Poucos se lembraram de perguntar como é que nós, com o nosso índice de analfabetismo vergonhoso, podíamos civilizar fosse quem fosse, ou como é que nós, que nem sequer tínhamos quadros técnicos à altura de nos elevarem ao nível europeu, nos podíamos dar ao luxo de pensar que estávamos habilitados a abrir caminhos a outros povos teóricos e teorizantes, ignorantes em quase todos os capítulos do saber humano, mas pomposamente orgulhosos da nossa ignorância e dotados de instituições políticas vinculadas à obrigação de nos manter nesse estado de virgindade cultural, vivemos anos apregoando méritos que não tínhamos e afirmando-nos superiores aos outros. Pagávamos, a peso de ouro, páginas de revistas estrangeiras a quem éramos indiferentes, para que publicassem entrevistas de Salazares e Marcelos sem que o povo soubesse que essas entrevistas eram pagas.

Continuamos a pensar que o Benfica «é o melhor do mundo» e a sentir que somos vítimas de injustiças quando as nossas equipas perdem no estrangeiro, tal como continuamos a pensar que se fomentam, por toda a parte, grandes «complots» internacionais contra o nosso modestíssimo torrão natal que nos vai levar muito tempo a ver na sua devida proporção.

Não somos — e vai levar muito tempo até que o sejamos — capazes de perder o hábito de classificar o heróico tudo o que fazemos ou de pensar que somos dotados de «virtudes» especiais que nos tornam diferentes dos outros povos.

Há muito de taumáquico e de fadista no nosso mundo conceptual. Não foi por acaso que a Setembro reaccionária nasceu numa praça de touros e que um dos seus activistas é fadista...

Tudo isto faz parte do mundo cultural fomentado pelo fascismo e não será, certamente, necessário explicar porque é que, durante quarenta e tal anos, se perseguiu sistematicamente o racional e se fomentou o emocional neste país à beira-mar desplantado pelo fascismo.

O que interessa, no momento presente, porém, não é apenas desmistificar a política cultural do fascismo e a sua actuação no campo da propaganda política. Fazê-lo é importante porque é necessário que todos saibam como é que se articulou a máquina que levou este país a considerar-se particularmente dotado e protegido pela virgem Maria, mas o que mais importante se nos afigura ser no momento presente, é banir para sempre da nossa maneira de actuar os resíduos do fascismo.

Afirmar, neste momento, que todo o mundo nos admira é contribuir para a continuação duma maneira de encarar a vida muito semelhante à que os fascistas nos impunham. O mundo não nos admira nem deixa de nos — admirar — limita-se a simpatizar connosco por termos, finalmente e com muitos anos de atraso, destruído na nossa terra o fascismo que o mundo liquidou há quase trinta anos. O mundo limita-se a simpatizar connosco por termos entrado na senda duma descolonização em que o mundo entrou há uma boa dezena de anos.

Fizemos, com um imenso atraso, o que se impunha que fizessemos, mas não nos iludamos porque o tempo das ilusões acabou no dia 25 de Abril. Acabemos sobretudo, com esta emotiva maneira de pensar que herdámos dum fascismo que só conseguiremos destruir se soubermos encarar objectivamente a realidade e viver com ela.

(da «Mosca» do D. L.)

Segurança para o seu dinheiro,
tranquilidade para si!

UM
NOVO
SERVIÇO
BPA

cofres
nocturnos
e diurnos

Nas 24 horas do dia e nos 7 dias da semana
estamos abertos para receber os seus depósitos.
Agora com um sistema inédito em Portugal,

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
oferece-lhe a tranquilidade
de saber que fica em segurança o produto de um dia de trabalho.

RESIDÊNCIA
1.ª CLASSE
* * * * *
GIRASSOL
RUA SA DA BANDEIRA, 132
TEL. 21891/2/3 — PORTO, PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE
TELEFONE 27393
MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

CASA LUCIANA *Boutique*
Rua 19 n.º 318 — ESPINHO
Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA»
e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,
Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

A «Defesa» precisa de mais
assinantes

Fábrica
de
Artigos
de
Celuloide e
Plásticos

LUSO-CELULOIDE

de
HENRIQUES & IRMÃO, L.^{DA}
APARTADO 22
TELEFONE 922193
ESPINHO

Colégio de N.^a Sr.^a da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil
Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas
Música com Exames no Conservatório - «Ballet»

Telefone 920303 — ESPINHO



Decorações Lider

TAPETES — ALCATIFAS
CARPETES — PAPÉIS DE
PAREDE

DE JACINTO VALENTE DOS SANTOS
Rua 18, 991 • Telef. 920723
ESPINHO

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Ferreira, & Oliveira L.da
ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569 (Provisório)

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

de
VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

SNACK BAR **S. PEDRO**

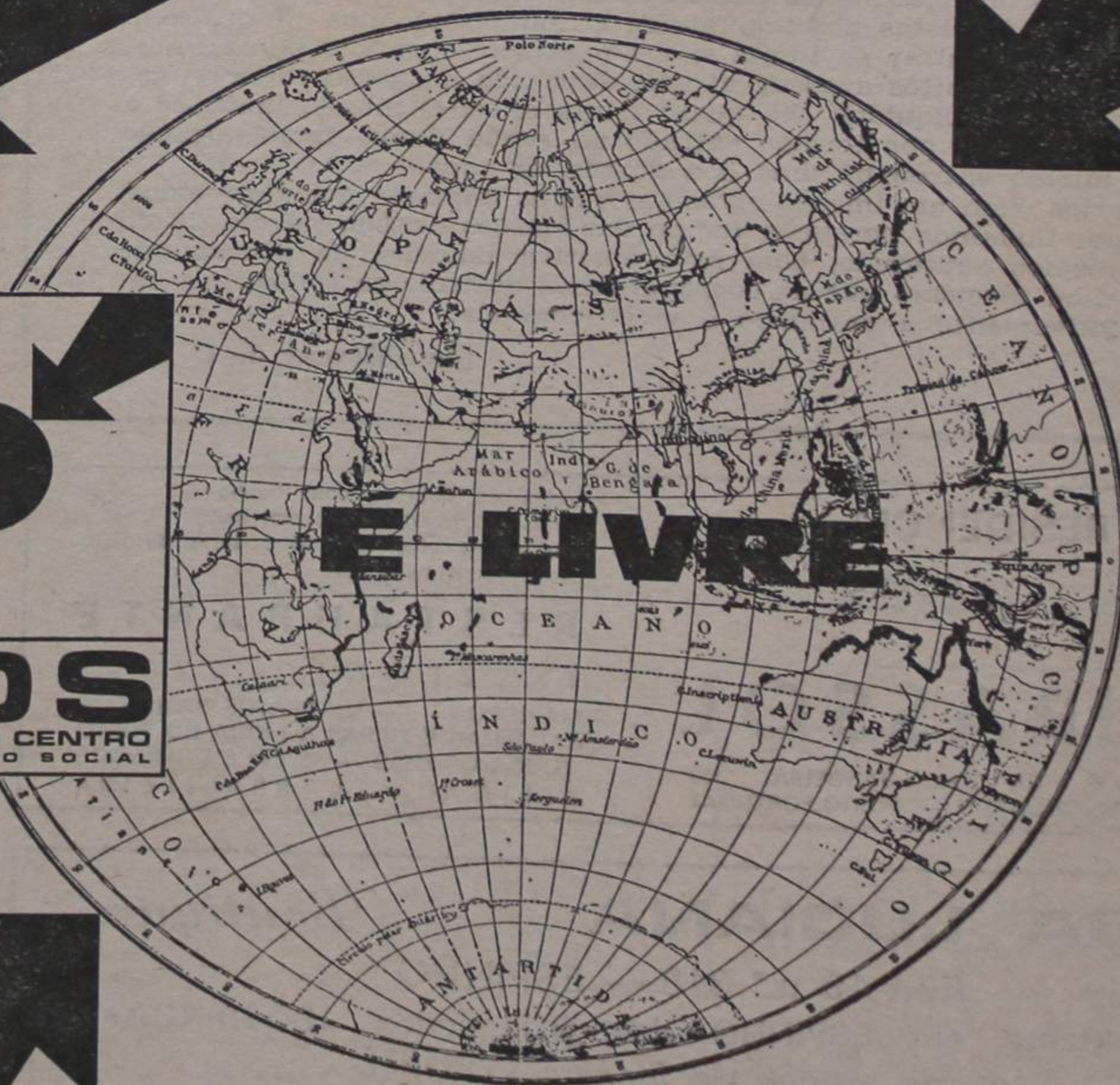
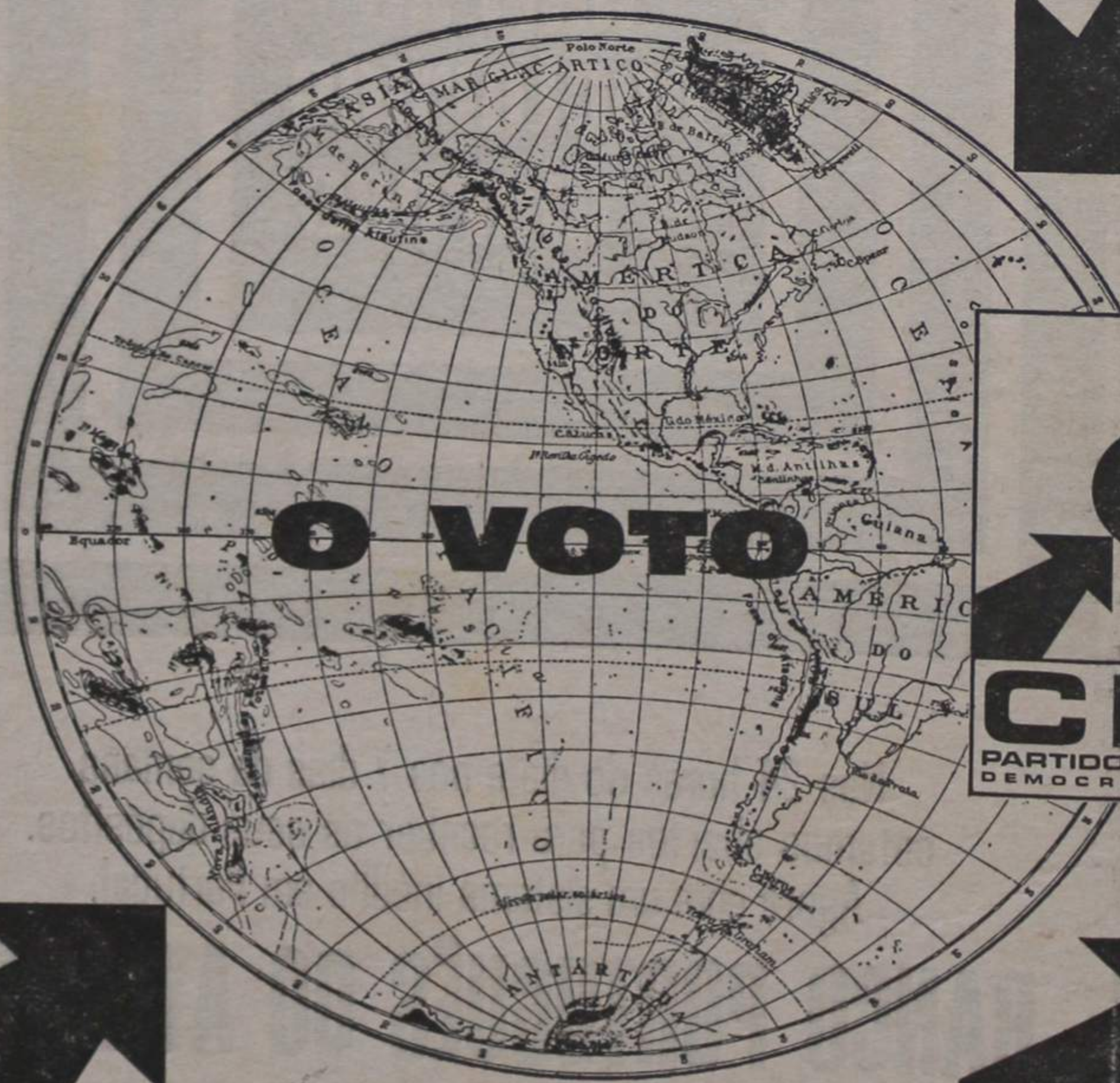
RESIDENCIAL **PORTO**
1.ª Classe

Aberto toda a noite com cozi-
nha permanente

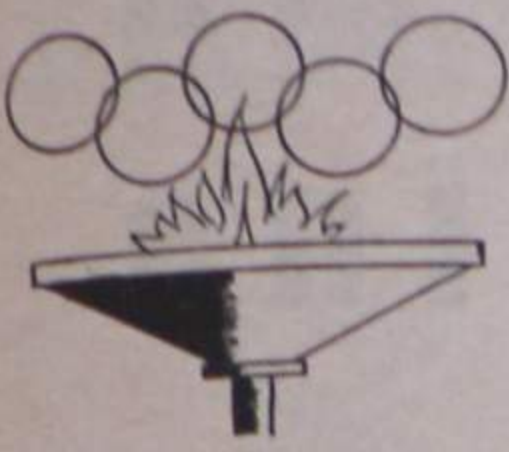
Telefones 920294 - 920391 - Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

AO EMIGRANTE TAMBÉM



QUEREMOS RESPONDER



desporto



Voleibol em notícia

A partir do dia 19 de Outubro, e tal como na arbitragem do futebol os árbitros de voleibol passaram a usar os cartões AMARELOS e VERMELHOS para reprimir os «MAUSOES». Assim o cartão amarelo vale uma advertência, o vermelho será advertência registada com penalização. Os dois simultâneos, será EXPULSAO. Portanto, cuidado senhores Voleibolista Espinhenses com os cartões.

Segundo a Circular n.º 12 da A. V. do Porto, as taxas de arbitragem são aumentadas para as quantias que vão de Esc. 80\$00 a 120\$00, conforme os respectivos escalões. Estas quantias passam a ser cobradas pelos árbitros no fim dos encontros.

Também as multas a aplicar aos Clubes tiveram a sua subida. Destacamos as faltas de comparência que vão passar a «custar» Esc. 500\$00.

Júlio e Cadete do B. P. A., devem regressar novamente ao S. C. Espinho. Sem dúvida que se tal vier a acontecer os tigres verão a sua equipa senior reforçada com dois elementos de bons recursos.

Teixeirinha, antigo praticante do F. C. Porto e que já treinou uma equipa de juvenis do S. C. Espinho, é o novo treinador de iniciados da A. A. Espinho.

Em virtude do início do campeonato regional de Iniciados estar previsto apenas para o fim do ano a A. A. Espinho pensa em organizar um Torneio Regional com a presença de várias equipas filiadas na A. V. do Porto.

A escola de jogadores da A. A. de Espinho está confiada a António Pardiho que na época passada abandonou a arbitragem.

★

CAMPEONATO REGIONAL DE SENIORES

1.ª DIVISÃO

Esmoriz, 3-S. C. Espinho, 2

S. C. E. — Padrão; Resende, Rolando, Balona, Fernando Correia, Luís Correia, Tomás, Tony, Chico e Salvador.

Jogo muito equilibrado, tendo pendido a vitória para a equipa com mais sorte. Arbitragem regular.

2.ª DIVISÃO

Castelo da Maia, 3-A. A. Espinho, 0

A. A. E. — Fausto; Melo, Matos, Pinto Correia, Jorge Monteiro, Betinho e Aragão.

Segunda derrota consecutiva da Académica que não tem podido apresentar todos os seus titulares. O Castelo da Maia foi superior nos três setes e arbitragem do sr. António Capela foi aceitável.

★

CAMPEONATO REGIONAL FEMININO

2.ª DIVISÃO

Desp. de Flães, 0-S. C. Espinho, 3

S. C. E. — Lúcia; Amélia, Fátima, Isabel, Clara, Palmira, Tibéria, M. José e Teresa.

Vitória sem contestação da equipa mais experiente, perante um adversário que pela primeira vez realizou um encontro oficial. Arbitragem sem problemas.

A. A. Espinho, 0-A. A. S. Mamede, 3

A. A. E. — Fátima; Tucha, Mena, Paula, Dina, Lurdes, Nanda e Estela.

Derrota inesperada da equipa da Académica num jogo equilibrado. Sendo

o resultado final algo injusto, pois as espinhenses mereciam pelo menos um sete. Arbitragem regular.

★

TORNEIO INÍCIO DE JUNIORES

F. C. do Porto, 3-S. C. Espinho, 1

S. C. E. — Jorge; Paula, Teixeira, Mário Rui, Rui Azevedo, Vingada, Pinto, Mimo, Ribas e Paulino.

Jogo agradável de seguir, com momentos de bom voleibol. Apesar de esta ser a segunda derrota estamos convictos que esta equipa espinhense poderá vir a obter uma boa classificação.

Arbitragem com alguns reparos.

TORNEIO INÍCIO DE JUVENIS

F. C. do Porto, 3-S. C. Espinho, 1

S. C. E. — Luís; Carlos, Alcindo, David, Sá, Alvaro, Ricardo, Miranda, Rogério e Cascais.

Vitória natural da equipa portista apesar da boa réplica dos espinhenses.

A. A. Espinho 3-Castelo da Maia, 0 (15-2; 15-2; 15-0)

A. A. E. — Paulino; Paupério, Serrano, Pinto, Lacerda, Baptista, Fidalgo, Aurélio, Chico e Carlos Rui.

Jogo sem história, tal a superioridade da equipa Académica em todos os aspectos. Actualmente ocupa o primeiro lugar da sua série sem derrotas.

Hóquei em Campo

CAMPEONATO REGIONAL DE HONRA

A. A. Espinho, 1-Lousada, 0

A. A. E. — Sancebas; Amílcar, Oscar, Lima, Filipe, Manuel António, Casimiro, Dias, Rocha, Albano e Adérito.

Suplentes — Cruz e Meneses.

Intervalo: 0-0

Domínio acentuado da Académica que sentiu dificuldades em marcar, não só por se tratar do seu primeiro encontro, mas também por encontrar pela frente um adversário muito aguerrido. Na próxima jornada os espinhenses deslocam-se à Constituição para defrontar a turma do F. C. Porto.

Hóquei em Patins

CAMPEONATO REGIONAL DE INFANTIS

A. A. Espinho, 0-Valongo, 0
Carvalhos, 2-A. A. Espinho, 0

A. A. E. — Brito; Silva, Sousa, Gabriel, Vítor Hugo, Tó-Zé, Marçal e Gil.

Depois do excelente empate com o Valongo a equipa da Académica foi infeliz no jogo com os Carvalhos. Com esta derrota torna-se difícil à Académica conquistar o título final de que era favorita.

TASC

Almoce ou jante no Restaurante da Piscina

Aberto todo o Inverno — Preços especiais para Banquetes até 300 pessoas — Serviço permanentes até às 24 horas — Telef. 920153

FUTEBOL

Nacional da 1.ª Divisão

Boavista F. C., 0 — S. C. de Espinho, 0

BOAVISTA: Barrigana; Barbosa, Mário João, Amândio e Lobo; Mário, Alves e Wilson; Zezinho, Salvador e Mané.

Substituições: Aos 45 m. entrou Tai para o lugar de Lobo. Aos 76 m. saiu Tai e entrou Moura.

S. C. ESPINHO: Aníbal; B. Velha, Washington, Valdemar e Gonçalves; Pinto Ribeiro, Ferreira da Costa e João Carlos; Augusto, Telé e Júlio.

Substituições: Aos 76 m. entraram Meireles e Peres e saíram F. Costa e Augusto.

ARBITRO: Manuel Vicente, de Vila Real.

TABELA CLASSIFICATIVA: V. Guimarães (12), Porto (12), Benfica (10), Farense (9), V. Setúbal (8), Sporting (8), Boavista (8), Espinho (7), Olhanense (7), Tomar (6), Be-lenenses (6) CUF (5), Atlético (5), Leixões (4), Oriental (3) e Académico (2).

★

Comentário:

Passaram-se os primeiros momentos do jogo e o S. C. Espinho não sofreu o habitual golo. Começaram a surgir umas leves esperanças entre os seus simpatizantes.

Passaram-se os primeiros 20 minutos e o «perigo» Salvador não surgia. O jovem Pinto Ribeiro estava a sair-se bem na marcação ao habilidoso avançado contrário. O brasileiro não se furtava à marcação e começava a sentir o correspondente efeito psicológico. Mais cresciam as esperanças dos adeptos espinhenses.

Sentia-se que se houvesse um pouco de sorte a acompanhar a equipa, o zero-zero podia-se ir aguentando.

E se entrarmos no domínio da superstitição, mais se radicou a esperança de alguns adeptos espinhenses quando aos 40 minutos entrou um cão dentro do campo. Ao nosso lado, alguém afirmou: o Espinho já não perde o jogo! (E explicou: na história dos jogos do S. C. E. a entrada de um cão dá sempre sorte.)

Perdoem-nos este apontamento gracioso. Só o referimos por mera nota de reportagem.

Decorreu a 1.ª parte com o Boavista muito tempo ao ataque, a chegar em dois ou três passes junto da baliza do Espinho, mas a equipa visitante, organizada no seu meio-campo, defendia-se bem.

CARTAZ

Próximos jogos

VOLEIBOL

SENIORES — 26-10-74

A. A. Espinho-Carvalhos — 19 horas — Pavilhão da A. A. E.

S. C. Espinho-C. D. U. do Porto — 22,00 horas — Pavilhão do S. C. E.

JUVENIS — 27-10-74

S. C. Espinho-A. A. de Espinho — 9,30 horas — Pavilhão do S. C. E.

FEMININO

S. C. Espinho-A. A. de Espinho — 11 horas — Pavilhão do S. C. E.

Não diferiu muito do 1.º tempo a parte complementar do desafio. O Boavista a jogar em casa, sentia a obrigação de ganhar, mas o tal 1.º golo, que às vezes é a gazua para a vitória fácil, não surgiu e quanto mais o tempo avançava mais as jogadas boavisteiras se faziam em força, sem a tranquilidade necessária para concretizar o jogo ofensivo. Inversamente, via-se que a calma não abandonava a equipa espinhense, que até sentia desta vez a presença dos seus simpatizantes.

Recordam-se até momentos em que os jogadores do S. C. Espinho souberam trocar muito bem a bola, compenetrados do jogo que interessava à equipa, procurando não a perder em favor do adversário. E esta imagem de actuação levamos a crer que a equipa começa a estar mais ligada entre si e a engranar no ritmo da 1.ª divisão.

Jogando em manifesta toada defensiva, entrecortada por um ou outro contra-ataque, os atletas do S. C. Espinho acabaram por justificar o nulo que o marcador acusou no final.

Um voto de confiança a Aníbal: notámos que os seus reflexos são muito mais rápidos. Outra referência ao labor de Valdemar e Washington, bem como à actuação discernida e muito correcta de Pinto Ribeiro. Destaca-se a correcção deste atleta, pois não recorreu ao jogo «de olhos fechados» para travar o habilidoso boavisteiro Salvador e quando assim acontece a actuação merece sempre o sinal positivo.

Foi o primeiro ponto conseguido fora de casa. Os votos que outros se sigam para tranquilidade da equipa nesta sua estreia no Nacional da 1.ª Divisão.

★

8.ª JORNADA:

S. C. ESPINHO — S. L. BENFICA

Amanhã está no Campo da Avenida o popular Benfica. Equipa repleta de valiosos jogadores, é sempre cartaz onde se apresenta.

Falam os críticos da bola que os encarnados jogam o futebol-total. Aquele que a TV nos mostrou a ser interpretado a sério pela equipa da Holanda no último mundial.

Será mesmo? Não haverá exageros de certo sector da imprensa desportiva?

Aguardamos. Que acima de tudo seja um belo jogo de campeonato, onde a disciplina e o respeito pelo espetáculo mereçam a atenção de todos quantos nele intervêm: jogadores, árbitro e assistência.

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores. Testes eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
Residência — Telef. 964194

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt. — Tel. 402219

Colabore para uma cidade limpa

GAZETILHA

Um soneto... que acaba mal!

*Cá estou, mais uma vez, olhando o Mar,
O meu amigo e velho confidente:
Beleza e quietação a insinuar
Que, às vezes, é poético e dolente.*

*Tem-se portado bem, brando e sereno;
Lá muito ao longe, seu friso patético,
Violeta e oiro antigo, em tom ameno,
Maravilhoso em seu efeito estético...*

*Que incerta e falsa a sua mansidão!
Basta que o vento ronde de quadrante:
Um temporal desaba, em convulsão,*

*E muda o Mar de ideias, num instante!
— Fazendo suas as da Reacção,
Investe contra todos, arrogante!*

Alberto Barbosa (BEKA)

Vamos jogar Xadrez

CASA FORTE

Continuamos hoje a analisar outra cilada posicional.

As casas fortes são de grande importância no curso de uma partida. Não somente se deve evitar a criação de casas débeis, como também se terá que impedir ao adversário a aquisição de casas fortes. Uma peça instalada numa casa forte pode actuar com especial eficácia quando nenhum plão ameaça desalojá-la, pelo que interessa impedir tal ameaça.

DEFESA INDIA DO LESTE

1. P4D, C3BR; 2. P4BD, P3CR; 3. C3BD, B2C; 4. P4R, P3D; 5. B2R, O.O; 6. B3R, CD2D; 7. P3TR, P4R; 8. P5D, C4B.

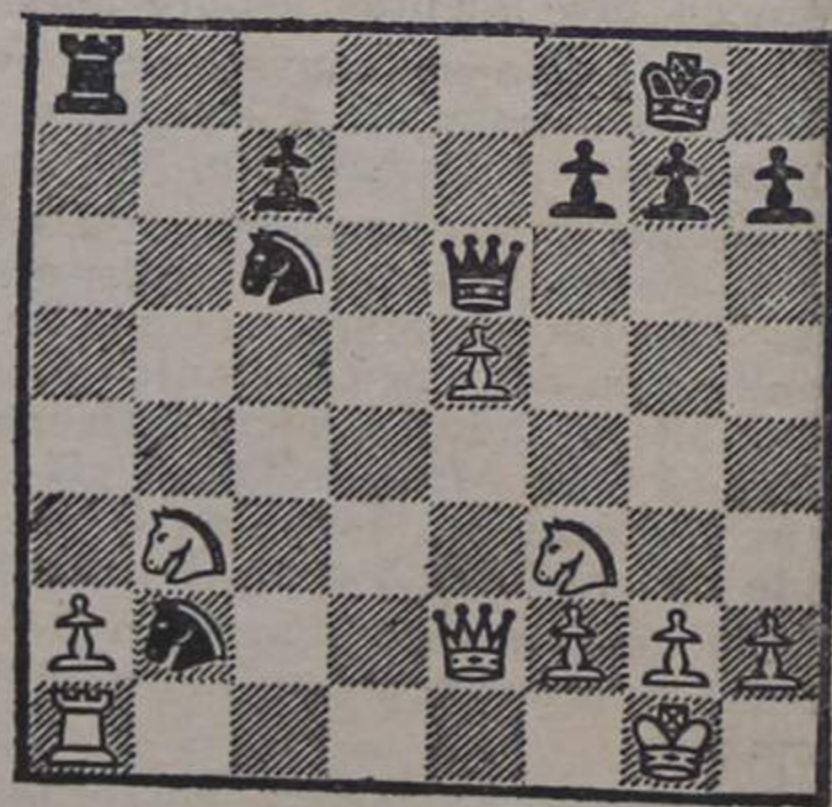
As brancas não podem responder agora 9. P4CD, por causa da ameaça contra o PR e as pretas poderiam continuar com 9. ..., P4TD, e impedir assim durante certo tempo que o seu cavalo seja desalojado da sua vantajosa colocação.

Por HENRIQUE CIERCO

PROBLEMA N.º 6

E vejamos agora o problema desta semana.

Um tema combinativo muito frequente na prática e que já vimos em problemas anteriores, é que permitiu às pretas alcançar uma rápida vitória na partida Moores — Dilworth (Inglaterra, 1963) ainda que simples, a manobra é interessante e muito instrutiva.



AS PRETAS JOGAM E GANHAM

Tempo para solução:

Dois minutos para jogador de primeira categoria; sete para um de segunda; quinze para um de terceira e vinte para um aficionado.

Solução do problema N.º 5 apresentada na passada semana:

1. DXP+!, RXD; 2. T3T+, C4T; 3. TXC+!, PXT; 4. P5C Mate. Excelente acção combinada sobre colunas e diagonais.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO



Restaurante
Snack — Discoteca

CABANA

TEL.

9 9
2 2
1 1
9 9
6 6
6 6

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca
Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

Cinema



O COURAÇADO POTEMKINE de Serge Eisenstein

1. — Rússia, ano de 1905! A classe operária e todo o povo russo levantam-se contra a opressão, a injustiça, a segregação social.

Em 22 de Janeiro, na cidade de S. Petersburgo, grossas colunas populares convergem para o Palácio de Inverno. O povo ia demandar ao seu «Senhor», imperador de toda a Rússia, czar da Polónia, grão-duque da Finlândia, justiça, pão, liberdade.

«Há apenas dois caminhos para nós: a liberdade e a felicidade ou o túmulo. Que a nossa vida seja um sacrifício pela Rússia agonizante. Não regatearemos esse sacrifício, nós o daremos alegremente.»

Esta multidão, clamando em uníssono por justiça, será dispersada pelos cossacos. Cadáveres jazem na neve ensanguentada.

Mas o povo não desistiu. Em Odessa, no mesmo ano, «O Couraçado Potemkine» adere à Revolução, seguindo os apelos dos representantes conscientes do proletariado reunidos no III Congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia.

Estes acontecimentos são fases dum processo revolucionário que culminará em Outubro de 1917 com a tomada do poder pela classe operária, iniciando-se a construção do socialismo.

2. — Em 1925, o Comité Central Executivo do PCUS decidiu comemorar o 20.º aniversário da Revolução de 1905 com a realização, entre outras coisas, de uma série de filmes históricos. Eisenstein, encarregado de realizar um deles, doou-nos a obra «O Couraçado Potemkine», que deveria ser um episódio dum filme com o título «O Ano de 1905», que por dificuldades técnicas não foi realizado.

Considerado num recente referendo o maior filme de todos os tempos, «O Couraçado Potemkine» é uma obra exemplarmente executada e um exemplo real da função social da arte cinematográfica.

3. — A este propósito transcrevemos do jornal «Voz Portuguesa» excertos da crítica de A. Roma Torres.

M. G.

Trata-se efectivamente da obra amadurecida de um cineasta que levou muito longe a reflexão teórica sobre as características da estética cinematográfica, e isto como suporte da sua prática de realização de filmes. Efectivamente foi esse o grande mérito de Eisenstein e dos cineastas russos dessa época (Pondovkine, Vertov, Konlechov), pois a sua prática cinematográfica não estava, como a do crescente modelo de produção americano que depois se generalizou com o sonoro a modelo de toda a produção cinematográfica, ligada apenas a um aperfeiçoamento técnico. A interpenetração de teorias e prática que individualizava cada filme como obra única de investigação da realidade, não estruturava na comunicação com o público a reacção de fascinação que o cinema de modelo americano explora, mas uma contínua surpresa, baseada na negação e na experimentação, que estimulava no espectador uma real posição crítica.

A história em si é extremamente simples: trata-se do motim de marinheiros que se recusam a comer carne apodecida, lançando ao mar os oficiais; um dos líderes é morto na luta, tendo o navio atracado no porto de Odessa, cuja população se encontra em greve geral, para efectuar o funeral; a população adere aos marinheiros revoltados, a guarda imperial tenta reprimir violentamente a manifestação popular, os canhões do couraçado fazem fogo sobre o palácio do governador; em euforia mas com ansiedade o couraçado revoltado lança-se ao largo na direcção da sua esquadra que adere à revolta.

Obra que necessariamente pelos quase cinquenta anos decorridos se apresenta ao espectador de hoje mais como uma obra de arte do património universal do

que como uma obra de intervenção que ao tempo foi, *O Couraçado Potemkine* mantém nas cenas da revolta do navio e da repressão na escadaria de Odessa os traços, mais emocionantes de uma verdadeira história popular. O nascimento da revolta popular nos grandes planos dos punhos inicialmente fechados e recolhidos no gesto individual e posteriormente, colectivamente erguidos é uma lição de psicologia individual e colectiva, além de ser um bom instrumento de pedagogia política, que inclui na montagem das esfinges dos leões, o primeiro adormecido e o último já completamente erguido, a parábola de uma força adormecida que uma situação objectiva é capaz de pôr em marcha. Igualmente a solidiedade tão necessária a uma verdadeira consciência colectiva, sai expressa de forma emocionante não só no funeral de Vakonlitchouk como impressionante desfile da multidão, mas principalmente na sua intervenção que impediu o fusilamento dos camaradas com o grito «Irmãos!», a partir do qual se desenvolve um crescente desenvolvimento que leva a esse mesmo grito em circunstâncias diferentes quando é desnecessário um confronto com os outros navios da esquadra, uma vez que os outros marinheiros aderiram à revolta.

A versão sonora que está em exibição, realizada em 1950, dois anos após a morte de Eisenstein, parece adequada, embora não se saiba até que ponto segue a partitura que acompanhava o filme na exibição na época de cinema mudo, e que Eisenstein pretende ter sido a sua primeira experiência em cinema sonoro e na mesma ideia de conflito na relação imagem-som, que em posteriores trabalhos com Prokofiev, alcançaria a perfeição formal de algumas brilhantes sequências de Alexandre Nevsky.

SEMANÁRIO
AVENÇADO

Camara Municipal de Espinho

Rua -19

ESPINHO